

Seca transformou esforços dos camponeses em desolação

Zonas Verdes

por António Janeiro

N. 3/4/92 p3

Os camponeses da cintura verde da Beira e uma fonte do «Projecto Mulher nas Zonas Verdes», em Sofala, consideram a actual situação agrícola «terrível e desoladora», fundamentalmente no que diz respeito à produção de arroz na presente campanha. Eles apontam a grave seca deste ano como principal causa, a qual, como tem sido noticiado, atingiu de forma dramática vários países da zona austral, e, segundo informes, parte mais ao norte dessa zona.

Numa ronda efectuada pela Reportagem da nossa Delegação da Beira por alguns bairros que compõem

ainda ao «Notícias» que, depois de goradas as esperanças na produção deste cereal, «este momento apenas

hortícolas mas, para o caso da hortaliça, não tenho esperanças, pois além da falta de sementes tenho ainda o



Os camponeses da cintura verde da cidade da Beira depositam suas esperanças nas culturas da 2ª época, nomeadamente hortícolas e batata-doce. (Foto do Arquivo)

a cintura verde local, o «Notícias» constatou que, como alternativa à seca, muitos camponeses trabalham a terra com vista à produção de culturas de segunda época, concretamente batata-doce e hortícolas.

Verificámos igualmente que nem mesmo o arroz de ciclo vegetativo longo conseguiu sobreviver ao intenso calor, facto confirmado de resto pelos nossos entrevistados que acrescentaram, entretanto, que «esse tipo de cereal poderá encontrar alguma salvação se chover dentro dos próximos dias porque se isso não acontecer acabará também por morrer todo».

No bairro da Munhava-Central, a nossa Reportagem dialogou com uma camponesa, a qual disse-nos que, «nesta campanha, não aproveitarei nada. Na minha única machamba que fica no bairro de Maraza, no ano anterior consegui 10 sacos de arroz. Agora, com este tempo sem chuva vai ser uma desgraça, nada vou conseguir».

ATÉ AOS RESULTADOS DA SEGUNDA ÉPOCA... COME-SE O QUÊ?

Helena Macheme, 17 anos de idade, casada e residente naquela área, disse

estou a preparar o terreno para as culturas da segunda época, como a batata-doce. Quanto a hortícolas, não tenho esperanças, pois as terras que possuo são de zonas altas e não servem para essas culturas»

Ela lamentou a tragédia deste ano, dizendo que «não sei como vou sobreviver com esta seca. A minha machamba sempre dava uma ajuda lá em casa. Assim, não sei...».

Ainda no mesmo bairro, contactámos a camponesa Júlia Mabaje, de 26 anos de idade, casada e moradora igualmente na Munhava-Central:

«Tenho uma machamba na zona de Chacachire, na Munhava-Matope, onde semeiei arroz que, depois de algum tempo, não teve desenvolvimento devido à seca. Se nos próximos dias cair a chuva talvez venha a tirar algum proveito. Se não chover, com o arroz quase seco, perderei tudo, tudo mesmo».

Adiantou afirmando que para fazer face a esta situação, «agora somente resta-me cultivar batata-doce e

problema da falta de terras boas para essas culturas».

Uma outra senhora que nos disse chamar-se Maria Julião Siquice Liuangue, também se lamentou, tendo sublinhado que «a chuva atrasou muito, muito mesmo e prejudicou-nos bastante. Nós do sector familiar não vamos ter resultados...».

Aquela camponesa, moradora no bairro da Munhava e que tem uma machamba de arroz de cerca de três hectares e meio na zona da Cerâmica, acrescentou que, na campanha anterior, obteve sete sacos daquele cereal. «Este ano, por causa da seca, estou duvidosa se conseguirei colher arroz que dê para um saco. Meu senhor, nem o milho e feijão-nhamba que havia semeado na machamba conseguiram escapar a tanto calor sem nenhuma chuva boa».

Falando sobre as culturas da segunda época, ela frisou que tem já as sementes de hortícolas e ramas de batata-doce, que trouxera da Ilha de Chiloeane. «Espero colher o pouco do que resta na machamba para, depois, trabalhar a terra e semear batata-doce e hortícolas».

Na zona de Macurungo, José Joaquim, camponês com uma porção de terreno com cerca de dois hectares, apontou que, «a seca prejudicou-nos muito, muito como nunca aconteceu, pois se tivesse havido boa chuva não havia fome pelo menos na cintura verde

porque muita gente trabalhou bem para produzir muito arroz, mas todo o esforço foi estragado pela seca...».

Disse-nos ainda que é pai de cinco filhos, todos eles menores: «Não sei o que vou dar-lhes se na machamba não espero nenhum proveito» — disse para, seguidamente, acrescentar que «mesmo com a produção de hortícolas e batata-doce julgo que não teremos resultados satisfatórios se não chover um pouco mais nos próximos dias. As terras, mesmo depois de ter caído pouca chuva, ainda continuam secas. Agora, vamos comer o quê?»

Mais adiante garantiu que «a situação será mais grave ainda na próxima campanha, por causa das sementes. A safra deste ano foi quase toda destruída, não houve produção. Se fosse boa, isso permitia a gente guardar sementes».

«NÃO EXISTEM PERSPECTIVAS»...

Em contacto com uma fonte do «Projecto Mulher nas Zonas Verdes», soubemos que a situação na cintura verde da Beira é também bastante desoladora: «Não existem quaisquer esperanças na cultura de arroz, mesmo com o arroz de ciclo vegetativo longo».

«As chuvas caídas há dias somente poderão beneficiar um pouco a produção de hortícolas e de batata-doce, culturas da segunda época. A quantidade de água existente, em consequência das últimas chuvas e insuficiente para fazer reviver o arroz. Está tudo perdido e, neste momento, vamos apenas concentrar esforços, como disse, para a produção da segunda época» — salientou.

Vasco António Sinóia, responsável da área agrícola naquele sector, foi mais longe, explicando que «se o nosso projecto abrangesse as zonas altas como, por exemplo, de Nhangau, talvez pudessemos garantir uma boa produção de mapira».

De acordo com as suas palavras, presentemente, e nas zonas onde o arroz secou, a população trabalha a terra para hortícolas e batata-doce. Aliás, sobre este aspecto, ele disse-nos que «todo o camponês já está, por si mesmo, mobilizado para a presente situação, por isso há todo este esforço para a segunda época».

Aliançou-nos que, quanto às sementes de batata-doce, ainda não existe programa traçado e, no que se refere às hortícolas, aguarda-se para breve a chegada de quantidades suficientes a serem distribuídas pelos camponeses.

«As sementes de que dispomos, presentemente, são as que sobram na campanha anterior e não chegam para o número de camponeses que temos» — disse para, seguidamente, explicar-nos que os trabalhos realizados são em coordenação com o Gabinete das Zonas Verdes, especificamente nos bairros de Macurungo, Chota, Munhava, Maraza, Vaz, Vila-Massane, Chingussura e Manga-Mascarenhas, «onde disponibilizamos apoio em materiais e instrumentos de produção, além de assistência nas técnicas agrícolas».